



## **AS CONTRIBUIÇÕES DE JOSUÉ DE CASTRO PARA A COMPREENSÃO DA QUESTÃO ALIMENTAR NO BRASIL**

João Batista Villas Boas Simoncini<sup>1</sup>  
Pedro Ivo Dias Tanagino<sup>2</sup>  
Elisa Ladeira Lima<sup>3</sup>

Linha de Pesquisa: Gastronomia Brasileira

### **RESUMO**

Uma das formas de projetar o futuro, é estudar o pensamento e a ação de homens públicos, políticos e cientistas que dedicaram a vida buscando alcançar o bem estar coletivo. Neste contexto, destaca-se Josué de Castro, um homem que abrange essas três características e princípios que conectam e marcam a sua passagem pela vida, ligando-o ao tempo e ao espaço. Procurou projetar a sociedade que esperava ver se formar, se constituir, na qual a preocupação com o domínio do econômico fosse substituída pela preocupação com o social, com o bem-estar da humanidade. No livro “Geografia da Fome, o dilema brasileiro: pão ou aço” (2004), Josué de Castro elucidou e denunciou a mazela social da fome. Criticou o capitalismo, cujo clímax é a fome, configurada pela má e escassa alimentação. Suas pesquisas alertam sobre o processo de configuração da questão alimentar no cenário da época e no atual: o privilégio do latifúndio e a opção pelo produto estrangeiro em detrimento da agricultura familiar e nacional, produzindo miséria e desespero a uma parcela significativa da população brasileira. Através da obra “Geografia da Fome” (2004) e diferentes outras publicações e documentários, o Grupo de Estudos teve a possibilidade de compreender, discutir e escrever sobre a questão alimentar no Brasil, numa perspectiva geoeconômica, política e cultural. Dessa forma, o Grupo foi levado a refletir sobre um tema que assola o país há décadas e se sensibilizou com as importantes contribuições de Josué de Castro, constatando que a Gastronomia pode e deve exercer um papel social nesse cenário secular de contínuo agravamento.

**Palavras-chave:** Fome. Miséria. Povo brasileiro. Segurança. Questão alimentar.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Docente do curso Tecnologia em Gastronomia - UniAcademia Centro Universitário. Orientador.

<sup>2</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Bolsista de Pós-Doutoramento - CAPES-PNPD na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Coorientador voluntário.

<sup>3</sup> Graduanda no curso de Tecnologia em Gastronomia - UniAcademia Centro Universitário.

## 1 INTRODUÇÃO

Josué de Castro, médico, geógrafo, humanista, cidadão do mundo e pernambucano é uma das pessoas mais relevantes no mundo quando o assunto tratado é fome e miséria (MELO; NEVES, 2007). O tema trabalhado neste artigo versa sobre a compreensão da questão alimentar no Brasil contemporânea tendo como base diversas obras do Josué e sobre ele, que foram estudadas através de leituras e fichamentos pelo grupo de estudos.

Fome e miséria eram temas tabus e praticamente proibidos nos anos 1930 do Brasil ufanista, correndo o risco de severas implicações políticas para quem ousasse falar no assunto. Mas Josué, homem a frente de seu tempo, enxergava a fome como uma mazela social forjada pelo próprio homem e um produto das conjunturas socioeconômicas defeituosas, passível de ser eliminada (CASTRO, 1959). Por isso trabalhou incessantemente para evidenciar a presença da fome em território nacional e como ela afeta a alimentação dos indivíduos. Sendo assim, necessário entender como as condições históricas levaram ao cenário alimentar atual.

O problema que orienta a presente reflexão é o estabelecimento de uma conexão entre a vida e obra do autor com a questão alimentar vigente no Brasil que urge por uma especial atenção às populações que vivem em estado de precariedade no país. Pensar em como materializar a obra “Geografia da Fome. O dilema brasileiro: pão ou aço”, na compreensão de como os brasileiros se alimentam, enfatizando o processo histórico e socioeconômico existente. Para tal, fez-se uma discussão aprofundada da obra de Josué de Castro combinada com uma reflexão técnica.

Josué de Castro, reconhecido geógrafo, médico e cidadão do mundo, teve a experiência de viver de perto a realidade existente nos mangues do Capiberibe e que, segundo ele:

[...] não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sábia, que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capiberibe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos. Seres anfíbios – habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: este leite de lama (CASTRO, 2005. p. 9-10).

Dessa vivência revelam-se então dois livros que marcam sua trajetória como homem internacional, “Homens e caranguejos” e, sua principal obra “Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço”. Obra essa em que a questão alimentar e da fome são abordadas sob uma perspectiva geográfica e histórica, expondo as vertentes do latifúndio e da colonização que se materializavam no alimento do povo em que, Josué desenha o mapa da fome, caracterizado pelas seguintes áreas: 1) Área da Amazônia; 2) Área da Mata do Nordeste; 3) Área do Sertão Nordestino; 4) Área do Centro-Oeste e 5) Área do Extremo Sul (CASTRO, 1959).

Sua tese principal compreende a fome como uma expressão dramática da desigualdade socioespacial brasileira fabricada pelo homem para alcançar seus próprios interesses. Interesses esses que simbolizam o excedente de colonização em território nacional, marcado por senhores de terra monopolizando os espaços e transformando-os em latifúndios feitos por mão de obra escrava, indígena e sertaneja. Nesse sentido, o latifúndio ocupava enormes extensões de terra que eram utilizados para o cultivo de monoculturas, como cana-de-açúcar e milho, deixando as terras improdutivas e impedindo uma variação da alimentação do povo brasileiro. Além de privilegiar o que era estrangeiro, em detrimento da agricultura familiar e nacional (CASTRO, 1959). Essa agricultura, que por si só garantia o sustento e a comida de verdade ao povo. Com essa precariedade da alimentação que variava de região para região de acordo com suas características demográficas e geográficas, grande parte dos brasileiros vivem sem segurança alimentar, que de acordo com Josué, corresponde ao acesso em quantidade e qualidade aos alimentos requeridos para a saudável reprodução do organismo humano e para existência digna (SIMONCINI et al. 2011).

Falar de Josué de Castro apenas como médico, geógrafo, autor e político não é suficiente. Josué foi um cidadão do mundo, com ideias e projetos que alçaram voos internacionais e mudaram o paradigma da fome, da miséria e de tantos outros assuntos antes pouco ou sequer falados. Josué foi deputado federal pelo Estado de Pernambuco, foi professor de Antropologia na Universidade do Distrito Federal, presidiu a Sociedade Brasileira de Alimentação, presidiu o conselho da FAO, idealizou e assumiu como diretor o Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil e também foi embaixador do Brasil da ONU em Genebra (MELO; NEVES, 2007). Com todos esses feitos é inegável sua importância no tema tratado e no entendimento das questões socioeconômicas e alimentares brasileiras.

A questão alimentar no Brasil passa por diferentes vieses já tratados anteriormente e é indissociável das políticas de incentivo à soberania e segurança alimentar e do contexto histórico vivido pelo país (SIMONCINI et al. 2011). Neste contexto, buscou-se especificar os elementos e os agentes que contribuíram para a compreensão da alimentação no Brasil contemporâneo.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

O marco teórico-metodológico do trabalho foi estruturado na perspectiva geográfica e socioeconômica produzida por Josué de Castro na busca de compreender como o histórico de colonização e de latifúndio marcaram a vida do povo brasileiro, no intuito de entender como se dá a questão alimentar no Brasil contemporâneo.

### a) Área da Amazônia

A região da Amazônia, sob o ponto de vista ecológico, é representada por um tipo único de área alimentar, bem caracterizado, que tem como base a farinha de mandioca, sendo uma dieta fraca e pouco trabalhada, portanto, tornando o regime alimentar do homem da Amazônia pouco atraente. Análises química e biológicas dessa dieta revelaram uma alimentação com várias deficiências nutritivas, devido à pobreza ou ausência de alimentos protetores, como carne, leite, queijo, manteiga, ovos, verduras e frutas, sendo um regime parco e escasso. O que o habitante dessa região come no período de um dia, não seria suficiente para uma só refeição de habitantes de outras áreas climáticas, caracterizando uma população em estado de anorexia crônica, devido à falta de vitaminas e certos aminoácidos (CASTRO, 1959).

Nesse sentido, entende-se que qualquer que seja a dieta alimentar de um povo, para ser considerada racional, ela deve conter seus elementos e substâncias presentes diariamente na composição adequada, garantindo, assim, um equilíbrio satisfatório para o funcionamento do organismo. Contudo, não se deve concluir que o regime alimentar da região amazônica é deficiente e pobre em nutrientes apenas pela alimentação. As condições geográficas locais, clima quente e super úmido afetam também o resultado final. O clima da Amazônia tem influência direta sobre o metabolismo desse povo, afetando as trocas energéticas e necessidades calóricas do homem, baixando, forçosamente esse metabolismo (CASTRO, 1959).

A alimentação do habitante dessa região carece de características qualitativas das mais diversas, como proteínas, sais minerais, vitaminas. O consumo de proteínas em sua maioria vegetais, gera uma dieta carente de aminoácidos, levando a um crescimento insuficiente, revelando pessoas com estatura abaixo do normal. Essas carências minerais e vitamínicas são devido também à pobreza do solo regional nesses elementos. Já a anemia tropical que é presente em muitos habitantes

amazônicos, não é um produto do clima agindo diretamente sobre o organismo humano, mas sim, do clima agindo indiretamente sobre a vida dos vegetais, limitando a criação de gado que seria uma fonte animal de ferro e a produção de plantas que seriam a fonte de ferro vegetal. Outro aspecto importante e que afeta a dieta desses habitantes são fatores culturais arraigados dos hábitos e tradições indígenas de fazer uma alimentação com pouco sal. Isso gera uma alimentação com pouco sódio, fazendo com que o indivíduo ingira alimentos com excesso desse mineral. Para compensar a falta de sódio devido a essas tradições, o organismo promove então a liberação de íons potássio e isso gera um desequilíbrio iônico no corpo humano, causando fadiga e esgotamento neuromuscular rápido nessa população. Quando o habitante está exposto ao sol ou praticando atividade intensa laboral, esse desequilíbrio tende a aumentar (CASTRO, 1959).

Finalmente em relação à região da Amazônia, para melhorar as condições alimentares desse território é necessário que haja programas de transformações econômico-sociais. São soluções que devem perpassar o método de colonização que foi imposto nessa região e fornecer alimentação suficiente e adequada à população, além de fixar o elemento humano à terra, de modo a melhorar os recursos alimentares da região (CASTRO, 1959).

#### **b) Área da Mata do Nordeste, o colonizador e o negro**

Na região da mata do Nordeste, o colonizador chegou empoderando-se intempestivamente dos recursos naturais, devastando o solo, as águas, as plantas e até mesmo o clima, gerando um desequilíbrio imperioso, devido à avidez pela busca da plantação de cana e produção de açúcar. Essas ações devastadoras que perduraram séculos nessa região, transformaram totalmente o eixo econômico-social do Nordeste, contribuindo para uma trágica experiência sociológica vivida por esse povo, em prol apenas do lucro máximo superior do latifundiário, a cana-de-açúcar. A descoberta desse tipo de cultivo pelo colonizador levou a um sacrifício de qualquer outro tipo de plantio, deixando a exclusividade para a cana. O resultado dessa monocultura foi uma destruição quase que total do revestimento vivo, animal e vegetal da mata do Nordeste, degradando ao máximo os recursos alimentares possíveis da região, asfixiando a policultura e as pequenas propriedades agrícolas, desenvolvendo uma economia latifundiária e escravocrata. Josué comenta que esse processo de transformação e desvalorização proporcionado pela cultura da cana teve início com a

destruição de florestas, abrindo com as queimadas as clareiras para o cultivo e depois alargando estes espaços para promover a extensão dos canaviais por terras quase ilimitadas. O aumento cada vez maior nas áreas de cultivo de cana, acentuou a miséria alimentar nessa região, atingindo o grau mais perverso da pobreza desse local, tornando as medidas para remediar esse fato difíceis de serem alcançadas. Esse desflorestamento foi responsável também por minguar os recursos da fauna regional, cuja vida dependia intimamente da vida da própria floresta (CASTRO, 1959).

Destarte, as conseqüências dessa monocultura atingem variados graus e elementos. Em um trecho do livro “Geografia da Fome”, Josué fala sobre o processo de erosão do solo e lixiviação de seus nutrientes. A deficiência do solo do Nordeste açucareiro provocada pelo plantio desregrado da cana-de-açúcar, não é recuperável apenas com um fertilizante ou adubo. Assim como o organismo humano necessita de todos os seus componentes presente e funcionando em harmonia, o mesmo acontece com os solos. Um preparado químico pode ajudar a reparar o dano causado pela erosão, mas não recupera totalmente as características naturais que um dia já foram presentes. Essa destruição em massa de fauna, flora e solo, causada pela monocultura, hostilizou ao extremo a introdução de outros tipos de recursos de subsistência, que seriam propícios ao desenvolvimento nessa região (CASTRO, 2004).

Sendo assim, essa alimentação pobre em nutrientes, que poderia ser evitada em caso de a cana não exercer o monopólio dos tipos de cultivo, contribuiu para a decadência precoce dessa sociedade. As pessoas que chegavam a maiores idades, mas mesmo assim, idades não muito altas, possuíam uma dieta com excesso de açúcares e deficiente em nutrientes essenciais, e com uma grande quantidade de escravos e também camponeses e operários definhando lentamente, a morte levando a vida embora, de fome quantitativa e qualitativa (CASTRO, 1959).

Em uma das análises realizadas por Josué, um dos obstáculos à transmissão e fixação de hábitos alimentares sadios ao grupo dos estrangeiros em formação, foi a não possibilidade de produção nas terras brasileiras do trigo, alimento básico da área alimentar mediterrânea, e a sua substituição forçada pela mandioca indígena, inferior em teor proteico, mineral e vitamínico à farinha de trigo. O português, apesar de todo o caráter colonizatório, desempenhou o papel de reforma da estética do paladar do habitante do Nordeste açucareiro, com a introdução de plantas de Portugal no Brasil, com a aproximação de cozinhas desconhecida e com a introdução de

especiarias e sabores vindos do Oriente. Nesse início, então, existiu uma tentativa de policultura, apoiada pela colheita de frutas silvestres e pela caça de animais da terra, o que manteve um regime sadio dos primeiros colonos em terra brasileira. Entretanto, com as roças de mandiocas que foram abandonadas aos cuidados do indígena, sem o amparo do colono, as plantações de frutas como manga, laranja, fruta-pão, ficaram limitadas aos pomares das casas dos senhores de engenho, para consumo exclusivo da família branca do proprietário do latifúndio (CASTRO, 1959).

Em relação ao negro, antes da chegada da colonização europeia, sua alimentação era boa e à base dos recursos desenvolvidos na região, bem nutrida devido à variedade de plantações de subsistência. Entretanto, quando se deu o início da monocultura, o negro reagia desobedecendo às ordens do senhor plantando às escondidas, mandioca, batata-doce, feijão e milho. A interferência do negro no que tange à melhoria do padrão de nutrição existente no Nordeste, foi sentida em escala econômica, com a introdução de plantas africanas e processos de cocção que se mostraram propícios no aproveitamento dos recursos alimentares existentes na região. O resultado dessa interferência da cozinha africana na cozinha realizada pelas cozinheiras negras no Nordeste foi positivo, pois contribuiu para entrar o aparecimento de avitaminoses nos habitantes dessa região (CASTRO, 1959).

Sobre os indígenas, Josué comenta que antes da chegada dos colonizadores europeus, os produtos da caça e da pesca participavam da alimentação, juntamente com o cultivo apenas dos víveres básicos. No entanto, a partir do desenvolvimento do comércio, as necessidades alimentares foram sendo alteradas e mais complicadas de serem satisfeitas, devido ao grande número de braços que eram empregados no transporte desses víveres (CASTRO, 1959).

### **c) Área do sertão nordestino e o homem sertanejo**

Na área do sertão nordestino encontra-se outro tipo de fome, caracterizada por surtos epidêmicos que surgem muitas vezes das secas que atingem a região. Entretanto, as epidemias de fome nessa área são totais e parciais, com carências específicas em determinadas áreas, mas principalmente, fome total quantitativa e qualitativa, atingindo extremos níveis de desnutrição e inanição, atingindo todos os habitantes dessa região, ricos, pobres, fazendeiros, trabalhadores, mulheres e crianças, ninguém está ileso (CASTRO, 2004).

É uma região semiárida, denominada de área do polígono das secas e que possui como base da alimentação local, o milho. Este, associado a outros produtos da região e fora da área das secas, contribui para uma dieta equilibrada, sendo responsável por garantir um estado de nutrição satisfatório, tornando possível que o organismo utilize a energia gerada desse regime para sobreviver ao período de calamidade. As secas que atingem o sertão nordestino abalam completamente a economia da região, extinguindo todos os tipos de vida, dizimando o gado, as plantas, deixando o sertão reduzido a uma área de deserto, mas, principalmente, matando seus habitantes pela falta de água e de reservas alimentares (CASTRO, 1959).

Outro fator que também é responsável por agravar e degradar a alimentação desse povo são os preços exorbitantes dos alimentos na zona de mineração, e em outras áreas ligadas à economia latifundiarista, ignorando e deixando de amparar o pequeno produtor que cultiva seus alimentos de subsistência, gerando uma miséria alimentar na região (CASTRO, 1959).

Determinados cultivos de certas plantas e criações de certos animais na região do sertão nordestino tiveram aspectos positivos e negativos. A criação de cabras foi desfavorável à vegetação local, mas importante para a alimentação regional, pois tanto o leite quanto a carne desse animal eram consumidos por grande parte da população. Leguminosas e plantas como o milho, o feijão, a fava, a mandioca, a batata doce, a abóbora, o maxixe, plantados nos vales sumosos, nos baixios e nos terrenos de vazantes eram menosprezados pelos senhores de engenho. No entanto, foram alimentos que contribuíram para um regime mais diversificado (sertanejo) e mais completo nutricionalmente do que na época da colheita da cana (CASTRO, 1959).

O sertanejo criou um tipo de alimentação característico à base da criação de gado e da cultura de sustentação, além de certos recursos escassos à região, como a caça e a pesca, fazendo uso de certos métodos de cocção e preparos que gerou uma dieta equilibrada. Além disso, o consumo de angu, canjica, cuscuz de milho juntamente com leite, garante uma combinação mais rica em proteínas e harmônica. As proteínas aparecem também no regime do sertanejo, no consumo de carne de boi, de cabrito e também de carneiro. Esses animais são aproveitados ao máximo, com as vísceras sendo consumidas primeiramente e por último, com o consumo das partes mais frescas do animal, como a carne dos músculos, e a carne seca (CASTRO, 1959).

A chegada das secas extremas abala as estruturas econômicas do sertão, instalando uma fome perversa. Nada é produzido, nada é cultivado, nada é criado e,

assim, o sertanejo entra em um regime de subalimentação, em que começa limitando a quantidade de comida e das variedades dos ingredientes, sendo composta a dieta por milho, feijão e farinha. Com a persistência dessa seca, esses poucos ingredientes desaparecem dos mercados e os habitantes dessa região são forçados a se alimentarem de raízes, sementes e frutos silvestres, os únicos tipos alimentares resistentes ao clima dessa região. Nesse sentido, encontram-se os seguintes itens: xique-xique, farinha de macambira, maniçoba, raízes de umbuzeiro e entre outros, certamente carentes em diversos nutrientes. Quando esses alimentos são a fonte de alimentação do sertanejo um fato é certo: a miséria atingiu seu ápice e o homem não tem outra alternativa, senão a retirada, dando início ao êxodo (CASTRO, 1959).

A fome atinge o sertão e o sertanejo nos seus mais variados graus. Ela age sobre os corpos desses seres, roendo-lhe as vísceras, acarretando doenças de pele, mas sobretudo aniquilando sua estrutura mental e sua conduta social, animalizando esse ser, que fica destituído de personalidade e de humanidade. Essa mazela é acarretada pelo pauperismo generalizado na região, decorrente de uma exploração massiva de sua população, a qual não possui forças para produzir e não possui energia suficiente para superar os períodos de escassez (CASTRO, 1959).

#### **d) Área do Centro-Oeste**

A área central é marcada por uma zona de clima quase subtropical e chuvas abundantes e regulares, zona que concentra 25% da produção nacional de milho. Além desse cultivo, há também o de feijão, café, arroz, cana-de-açúcar e também criação abundante de gado bovino, caracterizando uma paisagem regional bem diversificada. Análises químicas do regime alimentar dos habitantes dessa região verificaram que não ocorre a existência de déficits calóricos, podendo até mesmo haver um excesso quantitativo devido ao amido de milho e gorduras de porco. Entretanto, uma carência que aparece de modo expressivo é a do mineral iodo, que apresenta baixa concentração no solo, na água e nas terras montanhosas, acarretando a incidência do bócio. Esse mineral está distribuído irregularmente pelo território, sendo encontrado apenas em alguns solos e rochas e quando presentes, são decompostos e solubilizados pelas lavagens de nutrientes na região, além dos fatores de continentalismo e erosão, diminuindo mais ainda a porcentagem de iodo na dieta alimentar, caracterizando uma extrema zona de distribuição do bócio (CASTRO, 1959).

### **e) Área do Extremo Sul**

Na área do sul tem-se como característica uma ampla variedade de alimentos que compõem o regime alimentar e o maior consumo de frutas e verduras das regiões. É a zona com o maior desenvolvimento tanto industrial quanto agrícola, sendo a região mais rica, compreendendo cerca de 80% da capacidade econômica do país. Corresponde à área com a melhor alimentação do país, mas ainda assim, possui algumas carências alimentares e uma dieta incompleta, com algum déficit de cálcio, ferro, vitamina A. Essas deficiências, principalmente as proteicas são resultado de um baixo consumo de leite, cereais integrais e legumes verdes entre a classe proletária e entre as crianças pobres dos grandes centros urbanos da região. Portanto, compreende-se que o Sul é uma zona de subnutrição crônica, que apesar de não ser caracterizada por uma área de fome, não garante os benefícios necessários para um metabolismo equilibrado (CASTRO, 1959).

### **f) O colonizador europeu e o latifúndio**

A fome que ainda perdura e permanece no Brasil é resultado e consequência do passado histórico de exploração, dominado pelos colonizadores europeus, com interesses avassaladores que almejavam sempre o lucro e, gerando assim, áreas de miséria, desesperança, destruição. O colonizador, em busca de uma agricultura extensiva, se desdobrou para alavancar seu plano mercantil, causando um grave desequilíbrio natural e socioeconômico, com os sucessivos ciclos de pau-brasil, da cana-de-açúcar, da mineração, do cacau, do café, atingindo proporções catastróficas.

O interesse pelo latifúndio em detrimento da agricultura intensiva e de subsistência, gerou terras improdutivas, miséria, pauperismo, fome, criou um sistema de plantação escravocrata, destruindo a vida do negro, do indígena, do sertanejo. Esse sistema bruto foi também responsável pelo abandono das regiões mais pobres do país, onde a fome aparece na maior proporção, e onde o subdesenvolvimento imperioso gera desníveis econômicos, disparidades entre os índices de produção e de renda e, principalmente, diferenças na questão alimentar vivenciada em cada região (CASTRO, 1959). Nesse sentido, vale salientar a importância de Josué de Castro no combate a esse desnível socioeconômico, no combate à mazela social da fome e da miséria feita pelo colonizador europeu, em denunciar nacional e internacionalmente essa política bruta de exploração e perpetuação da fome, criando áreas degradadas e sem segurança alimentar.

### **g) O mangue e os homens caranguejos**

Foi durante sua vivência por Recife ao longo do rio Capiberibe, que Josué experimentou a verdadeira *Sorbonne*. Na prática, teve a revelação da fome de maneira nua e crua, como um produto das condições defeituosas do Estado e não das condições naturais insuperáveis, um problema, principalmente social. Em suas idas e passeios frequentes aos mangues, foi observado um mimetismo cruel entre os habitantes do mangue, os caranguejos, e as pessoas que dele sobrevivem: “povoado de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo, se arrastando para sobreviver” (CASTRO, 2005). O ser humano ali, já não se comportava como uma pessoa e sim como um bicho, uma animalização total da humanidade dos habitantes desse mangue, uma simbiose perversa entre lixo e procriação, construindo o “ciclo do caranguejo” no qual o homem se alimentaria do caranguejo e o caranguejo se alimentaria dos dejetos humanos nos manguezais (FILHO, 200x).

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Dado o objetivo do Grupo de Estudos, que resultou no presente artigo, debruçou-se sobre a obra de Josué de Castro, “Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço” (2004) e outras obras que contribuíram para compreender a questão alimentar e da fome, sob uma perspectiva geográfica, política, social e econômica. Antes de compreender as contribuições geradas por Josué, foi necessário entender como o latifúndio e o excedente de colonização influenciaram a maneira de comer e de se alimentar dos habitantes de cada região (CASTRO, 1959). Portanto, foram realizadas leituras e fichamentos de várias obras de Josué de Castro e sobre ele, como “Geografia da Fome. O dilema brasileiro: pão ou aço”; “Fome Oculta”; “Homens e Caranguejos”; “Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo”; “Josué de Castro - Série Perfis Parlamentes n. 52”; “Josué de Castro: Cidadão do Mundo”, materiais importantes que, sob o panorama do autor e dos estudantes do Grupo de Estudos, auxiliaram no entendimento de como a Gastronomia pode atuar de forma mais prática e consciente na questão alimentar brasileira.

Para a realização deste trabalho, a metodologia escolhida foi a que Vergara (1998) denomina de pesquisa bibliográfica – com base em livros, artigos e revistas. Através dessa pesquisa, foi possível fundamentar a relevância de Josué de Castro no combate à fome e à miséria, visando assegurar à população segurança alimentar e uma vida digna, enfatizando as características da fome total e também da fome oculta presentes em território nacional.

Quando Josué fala sobre alimentação, fome e pobreza deve-se ter em mente que são elementos inter-relacionados. Sobre fome, no geral, entende-se a fome total, aquela dotada de verdadeira inanição e limitada a áreas de extrema miséria. No entanto, existe uma outra fome, mais frequente e mais grave, a chamada “fome oculta ou parcial”, a qual é caracterizada por deficiência permanente em determinados alimentos nutritivos, nos regimes habituais das populações, em que grupos inteiros morrem lentamente de fome, apesar de se alimentarem todos os dias (SIMONCINI et al. 2011).

A fome parcial está ligada diretamente ao conceito de segurança alimentar, muito discutido na Primeira Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, que foi realizada em Brasília durante os dias 27 a 30 de julho de 1994. Nessa conferência, foi aprovado o relatório que definia que a Segurança Alimentar

deveria ser construída conforme a realidade nacional de cada país e, no Brasil, só existira Segurança Alimentar se fosse possível o acesso igualitário a todos os brasileiros à quantidade e à qualidade dos alimentos necessários para a reprodução do organismo humano e para uma existência digna (SIMONCINI et al. 2011).

Então como fome, pobreza e alimentação, de fato, se relacionam? Para entendê-los é necessário compreender também o conceito de soberania alimentar:

[...] o direito dos povos definirem suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos que garantam o direito à alimentação para toda a população, com base na pequena e média produção, respeitando suas próprias culturas e a diversidade dos modos camponeses, pesqueiros e indígenas de produção agropecuária, de comercialização e gestão dos espaços rurais, nos quais a mulher desempenha um papel fundamental (FÓRUM MUNDIAL SOBRE SOBERANIA ALIMENTAR, HAVANA, 2001).

Visto isso, é possível observar que a soberania alimentar garante o direito à alimentação às pessoas e, conseqüentemente, quando esse direito não está sendo exercido em sua totalidade, compreende-se a existência da fome, não só a total, como também a oculta. Essa última principalmente, mais relacionada às populações que vivem em áreas de extrema pobreza e pouca variedade de recursos alimentares sofre diretamente com o descaso das políticas implementadas e conferindo um quadro sórdido de insegurança alimentar (SIMONCINI et al. 2011).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visto que o Grupo de Estudos tinha como objetivo demonstrar as contribuições de Josué de Castro para a questão alimentar no Brasil contemporâneo é possível salientar que através das pesquisas realizadas, as análises deste homem, feitas há mais de 70 anos, ainda são atuais. No Brasil desse humanista, a alimentação estava diretamente relacionada com a questão latifundiária e com o descaso com os pequenos produtores. No Brasil contemporâneo, todavia, essas questões apenas tornaram-se mais contundentes. A diferença, é que a Gastronomia, não só com seu papel criativo e de fornecer prazer, tem a possibilidade de transformar esse cenário de fome e descaso ainda presente, atuando com seu *savoir faire* (saber fazer) através de causas sociais, desde o reaproveitamento e uso integral dos alimentos até o fornecimento de uma alimentação digna e saudável aos mais necessitados.

Josué de Castro foi importante na luta contra a fome e a miséria no Brasil, defensor do povo brasileiro e do nacional em detrimento daquilo que a política vigente no período fomentava, o internacional. De forma que para o entendimento de sua contribuição da questão alimentar do Brasil, analisou e revelou as características geográficas, sociais, econômicas e alimentares de cada região estudada, na sua maior especificidade, ressaltando a questão da segurança e soberania alimentar e como são afetadas pela mazela da fome, resultado de um passado histórico de colonização e destruição.

Nesta perspectiva, pensar na questão alimentar do Brasil perpassa necessariamente pela análise da segurança alimentar dos brasileiros atualmente, relacionando com a questão da fome oculta e do excedente de colonialismo. Sobre este último, fala-se em excedente, pois a estrutura colonial de alguns séculos e décadas atrás não existe mais da forma como era, mas se reverbera de outras maneiras. Através disso, a gastronomia surge como um meio de transformar esse cenário contemporâneo.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2020) informam que dos 68,9 milhões de domicílios no Brasil, 36,7% estavam com algum grau de insegurança alimentar, atingindo 84,9 milhões de pessoas; aumentou em 43,7% o número de pessoas que vivem em situação de insegurança alimentar no Brasil, comparando dados de 2013 em relação a 2018; menos da metade dos domicílios do Norte (43,0%) e Nordeste (49,7%) tinham acesso pleno e regular aos

alimentos e, por fim, metade das crianças menores de cinco anos no país (ou 6,5 milhões de crianças nessa faixa etária) viviam em domicílios com algum grau de insegurança alimentar. A observação dessas informações conduz para o pensamento de que o presente Brasil, principalmente nas regiões do Norte e do Nordeste sofrem a consequência da exploração inconsequente de suas terras, do atraso tecnológico em relação às outras regiões do país e de uma negligência total por parte dos poderes quanto a situação da população.

Nesse sentido, a exploração dessas terras aliada à revolução agrícola, com uso exacerbado de defensivos agrícolas e agrotóxicos devastou o solo, interferiu na qualidade das águas, provocou intenso êxodo rural, levando milhares de pessoas a ficarem sem lugar para morar, mas sobretudo, arruinou a soberania alimentar do povo. Assim, não houve a possibilidade de definir as estratégias de produção, de distribuição e de consumo dos alimentos, não houve variação e nem diversidade, afetando diretamente a alimentação dessa população, que não se alimenta direito, e do que se alimenta não serve para nutrir as necessidades básicas, voltando ao conceito de “fome parcial”. Essa fome de nutrientes necessários para o equilíbrio completo do organismo segue matando inúmeros seres vivos que vivem nas ruas e calçadas desse Brasil, vivendo como animais, sendo desleixados pela população e pelos respectivos governos.

É nesse contexto que a Gastronomia deve atuar, na sua forma mais nua e mais simples e ao mesmo tempo mais complexa possível. Esse ramo da ciência, aparece como uma alternativa ao cenário de desespero, fome e miséria que assola os variados cantos do país, atuando através de causas sociais que perpassam temas como: concentração/desconcentração de renda e concentração/desconcentração de terra; produção agropecuária (tradicional, familiar e de base agroecológica); soberania, segurança e insegurança alimentar; movimentos sociais; sustentabilidade socioeconômica e socioambiental; alimentação e gastronomia (passado, presente e futuro), realizando debates, fóruns, encontros (nacionais e internacionais), e rodas de conversa sobre esse tema com outras áreas do conhecimento, pressionando os poderes públicos (municipais, estaduais e federais) e a iniciativa privada a empreenderem ações de melhoria à alimentação da população. Isso faz com que seja possível atenuar ou mesmo reverter o panorama atual da questão alimentar no Brasil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuno ressaltar, que a partir das discussões do Grupo de Estudos a respeito da vida e obra de Josué de Castro, a discente e os docentes ampliaram seu senso crítico sobre a questão alimentar contemporânea, entendendo o papel social, econômico, político e cultural da Gastronomia na mudança desse paradigma.

Cabe destacar que efetivamente a questão alimentar no Brasil abarca aspectos que estão inter-relacionados, como a fome, a “fome parcial”, a segurança alimentar, a população e o passado histórico. Questões essas, as quais, Josué de Castro em suas diversas obras buscou explicar e analisar detalhadamente, de modo a democratizar o entendimento sobre esse assunto. Nesse sentido, como cidadão do mundo, o médico/humanista/geógrafo fez de sua carreira política um meio de expor a realidade brasileira, evidenciando-a nacional e internacionalmente e fazendo o necessário para mudar a situação precária e desumana que viviam grande parte dos brasileiros.

É importante ressaltar que a principal obra de Josué, “Geografia da Fome. O dilema brasileiro: pão ou aço” foi publicada pela primeira vez em 1946, sendo assim, deve ser lida e apreciada com o olhar e compreensão dessa época, de modo que seja possível estabelecer um paralelo entre esse período passado e o período atual. Nesse sentido, verifica-se que apesar de escrita na década de 40 é uma obra extremamente contemporânea, em que certos aspectos permanecem praticamente intactos, como o desemprego das regiões Norte e Nordeste frente às regiões mais centrais, do Sudeste e do Sul, além da permanência da insegurança alimentar, afetando milhões de brasileiros. É justamente a contemporaneidade desse tema que faz de Josué um humanista genial, admirado e reconhecido internacionalmente como um cidadão do mundo, em sua perspicácia de ter abordado o assunto da fome vorazmente e sem temor das consequências dessa luta.

Reconhecer o trabalho de Josué frente à fome, leva a crer que a compreensão da questão alimentar no Brasil deve ter a Gastronomia como expressiva aliada, no combate a essa mazela e na luta diária pela transformação do alimento em um símbolo de conforto e esperança.

## JOSUÉ DE CASTRO'S CONTRIBUTIONS TO UNDERSTANDING THE FOOD ISSUE IN BRAZIL

### ABSTRACT

One of the ways to project the future is to study the thinking and action of public men, politicians and scientists who dedicated their lives seeking to achieve collective well-being. In this context, Josué de Castro stands out, a man who encompasses these three characteristics and principles that connect and mark his passage through life, linking him to time and space. Sought to project the society that hoped to see itself formed, to be constituted, in which the concern with the economic domain was replaced by the concern with the social, with the well-being of humanity. In the book "Geography of Hunger, the Brazilian dilemma: bread or steel" (2004), Josué de Castro analyzed and denounced the social malaise of hunger. He criticized the capitalism, with the climax represented by hunger, configured by poor and scarce food. His research warns about the process of setting up the food issue in the scenario of the time and in the current. the privilege of the latifundio and the option for the foreign product to the detriment of family and national agriculture, producing misery and despair for a significant portion of the Brazilian population. Through the work "Geography of Hunger" (2004) and different other publications and documentaries, the Study Group was able to understand, discuss and write about the food issue in Brazil, from a geoeconomic, political and cultural perspective. Thus, the Group was led to reflect on a theme that has plagued the country for decades and was touched by the important contributions of Josué de Castro, realizing that Gastronomy can and should play a social role in this secular scenario of continuous aggravation.

**Keywords:** Hunger. Misery. Brazilian people. Security. Food issue.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Josué de Castro**: o homem, o cientista e seu tempo. Estudos Avançados vol. 11 n. 29 São Paulo jan. / abr. 1997. Disponível: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141997000100009>> - Acesso: 16 ago. 2020.

ANDRADE, Manuel Correia de [et al.]. **Josué de Castro e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção Pensamento Radical).

CASTRO, Anna Maria de (Org.) Fome: um tema proibido - últimos escritos de Josué de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da Fome**: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959. 1º e 2º Volume.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FILHO, Michel Zaidan. O humanismo que precisa mergulhar os pés na lama. **Retratos do Brasil**, São Paulo, v. 8, p. 40-45.

FÓRUM MUNDIAL SOBRE SOBERANIA ALIMENTAR, HAVANA, 2001. O que entendemos por soberania e segurança alimentar e nutricional. Centro de Referência em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional - CERESAN. Disponível: <<http://www.ceresan.net.br/quem-somos/o-que-entendemos-por-ssan/#:~:text=Soberania%20alimentar%20%C3%A9%20E2%80%9C%5B%E2%80%A6%5D,e%20a%20diversidade%20dos%20modos>> - Acesso: 21 nov. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **10,3 milhões de pessoas moram em domicílios com insegurança alimentar grave - 2020**. Disponível: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave#:~:text=Dos%2068%2C9%20milh%C3%B5es%20de,alcan%C3%A7ando%20seu%20patamar%20mais%20baixo>> - Acesso: 26 set. 2020.

MELO, Marcelo Mário de; NEVES, Teresa Cristina Wanderley (Orgs.). **Josué de Castro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007. (Perfis parlamentares; n. 52).

SIMONCINI, João Batista Villas Boas; MAIA, Haline Aparecida de Oliveira; MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. Fome Oculta. **Revista de Geografia - PPGeo - UFJF** - v. 1, n. 1, 2011. Disponível: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17882>> - Acesso: 16 jun. 2020.

TENDLER, Silvio. **Josué de Castro** - Cidadão do Mundo (1994). Direção: Silvio Tandler. Produção executiva: Adolfo Lachtermacher. Direção de Fotografia: Jacques Cheuiche. Consultoria especializada: Anna Maria de Castro, Josué F. de Castro Filho. Coordenação de produção: Maria Lenora Girafa, Cláudia Helena Schuch. Texto: Tânia Fusco. Narração: Francisco Milani. Textos de Josué de Castro lidos por: José Wilker. Produtores associados: Vídeo Fundação, Caliban Produções Cinematográficas, Truques Cinematográficos, Provídeo, Lamounier, Sky Light, Delart. Informações Adicionais: Produzido pela Bárbaras Produções. Disponível: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQrwW1sjHyl>> - Acesso: 22 jun. 2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos ao Prof. Dr. Marco Antônio Pereira Araújo – Coordenador – e aos colaboradores Daniela Aparecida de Miranda, Maria Eduarda Pires Gomes Ferreira e Iago de Castro Rocha do Centro de Pesquisa e Extensão do UniAcademia Centro Universitário pelo apoio institucional para realização desta pesquisa.